

## SETE

O detetive entra na padaria em frente e pede o pingado com pão na chapa, como faz todos os dias. O calor continuava a escorrer em forma de suor pelas suas costas. “Odeio os 40 graus. Quanto mais vai se aproximando da marca, mais eu odeio”. Mordia o pão e, ato reflexo, olhava a rua calma, um marasmo. “Essa cidade seria muito mais agradável se a temperatura não ultrapassasse os 25 graus.” Mastigava como quem masca um chiclete. Sentia-se entediado, insípido, triste. À sua volta, as mesmas pessoas de sempre, o mesmo balcão sujo e com as mesmas comidas de dias atrás. Sentia cansaço, depressão. O queixo sobe e desce lentamente, sem reparar no que os dentes abocanharam, triturando tudo sem preconceito. Um gole do café cai diretamente na goela queimando-a. “Se eu soubesse que seria assim... Todos os dias assim. Como é que eu fui me enganar? O que tem de interessante em ver gente morta todos os dias? E esse caso do grã-fino. Já vi isso acontecer, em todos os lugares, inúmeras vezes”. Em poucos minutos, paga o café e sai da padaria.

Atravessa a rua, sem vontade, no piloto automático, cabisbaixo. “Mas esse caso é bom. Eu posso conseguir ficar famoso. Mas como? Ele se matou, ponto final. Ninguém dá nada por isso. O suicida é a escória do mundo. Nenhum jornal decente se interessa por ele. E eu entro nessa. Ou melhor, não entro nessa. Sumo, desapareço. Ou melhor, continuo sumido, desaparecido.” Sobe os degraus da delegacia, agora mais vazia. “Não dá para não pensar que alguém se mata com um tiro no rosto sem imaginar como vai ficar deformado e em como a sua família vai te encontrar. Não dá para não imaginar que você deve ser importante para alguém e esse alguém vai ficar chateado com você. E, o livro? Seria uma espécie de testamento? Será que se eu me matasse também, tudo não acabaria facilmente? Não teria mais que vir aqui todos os dias, não aguentaria mais nada que não quisesse. Mas, como é que a Flor ficaria? Eu sei que a gente tá brigado, mas eu também sei que ela gosta de mim...”

- Xavier! – grita o delegado, o Roseira, um negão corpulento de bigodes fartos. Ele se aproxima da mesa e parece que cresce de tamanho à medida que fica mais perto, - Xavier, o que é que ficou decidido do caso lá do marajá? – Roseira gosta de usar palavras tipo “marajá”, “elemento” e “viatura”.

- Parece um suicídio – o detetive começa a resposta no melhor tom de voz que encontra para parecer confiável, mas é inútil – Qualquer um que viu a cena diria isso. Mas tem alguma coisa mal explicada. O fogo destruiu o quarto inteiro. Tudo. Mas repara só: não queimou um baú do sujeito onde encontramos um livro pronto, encadernado, chamado “O suicídio”. Curioso, não?

- Não.

- E tem a mãe. Ela acabou de perder o filho de uma maneira brutal e estava lá, achando que o rumo natural das coisas estava se cumprindo. Já a namorada era o oposto. Queria achar um motivo para tudo, mas não conseguia. Ela explicou que o Otávio já havia entrado em depressão com a morte do pai, mas que havia melhorado e estava numa fase boa. Eu pretendo investigar para saber mais a fundo o que é que realmente aconteceu. Pode haver alguma coisa escondida.

Roseira, com os seus quase dois metros e as mãos na cintura, olha em silêncio para o seu detetive. São poucos segundos, mas ele se sente ainda menor.

- Xavier, temos um problema. Você não me apresentou nada de concreto. A família do moleque acredita que ele tenha se matado e quer que terminemos o caso o quanto antes. Eles conhecem o secretário de Segurança. Isso quer dizer que o moleque, ou o que restou dele, já foi para um hospital para fazer a necropsia e deve sair ainda hoje para o enterro.

O detetive sente o sangue circular nas veias. A cabeça esquenta e age impulsivamente. Percebe que está a poucos instantes de perder o caso da sua vida.

- Roseira, não é possível entregar o caso assim. Há muitas coisas mal explicadas. É tudo providencial demais...

Roseira o interrompe, com a voz grave, sério.

- Olha só, Xavier, esse caso é seu. Quero que você o acompanhe. E se por acaso, um absurdo qualquer acontecer, eu quero saber tudo antes de qualquer um. O secretário falou que vai cobrar isso do chefe de polícia, que vai cobrar diretamente de mim. E eu vou arrancar o teu couro, sem dó nem piedade, caso algo aconteça sem que eu saiba. Copiou?